



**e-l@tina**

Revista electrónica de estudios latinoamericanos

[e-l@tina](#) es una publicación del  
Grupo de Estudios de Sociología Histórica de América Latina ([GESHAL](#))  
con sede en el  
Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe ([IEALC](#))  
Facultad de Ciencias Sociales  
Universidad de Buenos Aires

**Trabalhando conceitos e métodos e elaboração de conceitos, através de El perfil del hombre y la cultura en México e Raízes do Brasil**

**Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira**

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, M.G., Brasil. Correo electrónico: [analod@gmail.com](mailto:analod@gmail.com)

Recibido con pedido de publicación: 3 de marzo del 2007

Aceptado para publicación: 17 de marzo del 2007

## **Resumen**

### **Trabalhando conceitos e métodos e elaboração de conceitos, através de “El perfil del hombre y la cultura en México” e “Raíces do Brasil”**

Este artigo busca destacar alguns dos conceitos propostos nos ensaios ibero-americanos da década de 1930 – “El perfil del hombre y la cultura en México”, do mexicano Samuel Ramos, e “Raíces do Brasil”, do brasileiro Sérgio Buarque de Holanda. Tendo em vista as mais diversas reflexões em relação a esse tipo de abordagem, parte para pontuar um entendimento “relativista” dessas obras, e termina por apresentar os conceitos por Ramos e Sérgio esboçados nos referidos textos (1) contrapondo-os com possíveis referências metodológicas de seus autores e (2) fazendo-os dialogar com pensadores de gerações posteriores.

**Palabras clave:** pensamiento latinoamericano; Samuel Ramos; Sérgio Buarque de Holanda

## **Summary**

### **Working concepts and methods and elaboration of concepts, through “The profile of man and culture in Mexico” and “Raíces do Brasil”**

This article attempts to highlight some of the concepts considered in two Ibero-American essays from the 1930's decade – “El perfil del hombre y la cultura en Mexico”, from the Mexican Samuel Ramos, and “Raíces do Brasil”, from the Brazilian Sergio Buarque de Holanda. Considering the most diverse reflections in relation to this type of approach, starts to pontuate a “relativist” agreement of these works, and finishes presenting the concepts sketched by Ramos and Sergio in the related texts (1) opposing them with possible methodological references from its authors and (2) making them dialogue with thinkers from previous generations.

**Keywords:** latin american thought; Samuel Ramos; Sérgio Buarque de Holanda

### Introdução

No presente trabalho me dedico a elaborar um quadro-esboço de alguns dos conceitos propostos tanto pelo pensador mexicano Samuel Ramos, em seu livro mais célebre, “El perfil del hombre y la cultura en México” (1934), como por Sergio Buarque de Holanda, em “Raízes do Brasil” (1936) – um quadro-esboço que levará em conta sobretudo as maneiras através das quais pode-se dizer que suas concepções foram estruturadas, e também através das quais podem ser compreendidas.

Antes de mais, creio ser interessante pontuar que este foco nos conteúdos talvez seja de todas as modalidades que primeiro conquistou um grupo considerável de interessados, na análise de obras ditas clássicas; estou falando dos ditos historiadores românticos, ainda no século XVII.

Em tal período, muitos dos pesquisadores creditavam a formulação de conceitos propostos em tratados filosóficos, políticos, religiosos e de História, e também em obras literárias, a iniciativas individuais e conscientes de cada autor; partindo de tal pressuposto, tinham como projeto, pois, em geral, a explicitação do que compreendiam ser as mais relevantes contribuições desses produtos culturais. A partir de então, buscavam compor uma relação consensual de quais seriam os livros de maior importância histórica (nacional e/ou universal) e traçar prováveis semelhanças metodológicas e conceituais entre eles, para, enfim, apresentar uma definição genérica daquilo que designavam “formas de pensamento” da época. Isto posto, pode-se dizer que grande parte desses intelectuais dos oitocentos compreendia o termo “cultura” como equivalente a “espírito de um tempo”, e compôs, destarte, o embrião da chamada “História das Idéias” (Burke, 2000: 225; Falcon, 1997: 99).

É preciso estar atento para o fato de que, embora os mais característicos representantes de tal perspectiva de análise apresentassem sim qualquer interesse por aquilo que convém chamar “conjuntura histórica” em que foram escritas as obras-objetos-de-análise, e embora ao longo dos séculos suas proposições tenham evidentemente variado (e muito), eles sempre priorizaram o foco nos livros mais do que nos universos sócio-econômico-culturais que os podiam ter envolvido, e permaneceram sempre atrelados à idéia (primeira) de que um “grande texto” apresentaria um sentido tal, de tamanho valor, que haveria de carregar consigo respostas (prontas?), a questões apresentadas a homens de todo e qualquer lugar e momento. Podemos perceber isso, por exemplo, quando o francês Jean-Jacques Chevallier, um dos nomes de maior expressão da dita História das Idéias, justificava o título de um de seus mais famosos trabalhos, *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*:

Sem negligenciar (...) o que em cada obra é próprio da época e da personalidade do escritor, sistematicamente se deu maior ênfase às páginas que contribuem para esclarecer os principais problemas políticos, colocados desde séculos ao espírito humano. Por mais profundamente que uma obra se possa prender, por sua origem, às circunstâncias da história, o que nela se encontra de melhor, de mais vigorosamente pensado e expresso, tende sempre a libertar-se, segundo a palavra do grande romancista inglês Charles Morgan, do ‘objeto do momento’, para alçar, através do tempo, o seu vôo independente (Chevalier, 1995: 14).<sup>1</sup>

Sobre esta opção historiográfica teórico-metodológica – que presa pela ênfase no “conteúdo” dos clássicos – escreveu, mais tarde, num momento em que ela passou a ser mais correntemente intitulada “História Intelectual”, o renomado estudioso da Teoria Política, Quentin Skinner (1996).

Também segundo seu ponto de vista a construção de idéias e estilos de pensamento se daria a partir do talento individual de cada escritor; entretanto, este propôs que haveria um fato relevante até

---

<sup>1</sup> Outros pensadores associados à dita História das Idéias são Jean Trousard e François Chatelet.

então pouco levado em conta: o provável é que os pensadores, pesquisadores e literatos mais reconhecidos o seriam justamente em face de suas habilidades para captar concepções dispersas na sociedade em que viveram/vivem, e propor idéias que correspondia/correspondem mais precisamente a anseios e interesses dos homens de seu tempo. É por isso que Skinner destaca a importância de se ir um pouco mais além dos limites das obras tomadas para análise, de se buscar possíveis intertextualidades trabalhadas pelos autores, de se buscar influências que podem ter ajudado a capacitar os julgados mais expressivos intelectuais a elaborar *bem* e *bons* conceitos, aos olhos de seus contemporâneos.

Enfatizando o processo de elaboração das obras e baseando-se na chamada “Teoria dos Atos da Fala”,<sup>2</sup> então, tal escritor argumenta que o falar constitui uma ação efetiva, atuante e transformadora, vinculada a três pressupostos fundamentais: (1) o de que o dito e os sentidos do que é dito se refeririam com precisão aos momentos históricos em que ocorreram/ ocorrem (Harlan, 2000: 23); (2) o de que, sendo a fala uma atividade “racional”, é tarefa do historiador que trabalha com obras clássicas resgatar as intenções dos autores (Harlan, 2000: 23-24); e (3) o de que o historiador, por meio de uma análise hermenêutica objetiva, é capaz de compreender a ambos – momento histórico passado, e pretensões dos pensadores (Harlan, 2000: 24).

No que diz respeito às obras-clássicas selecionadas para análise neste artigo em específico, seria, pois, interessante, sob esta perspectiva de Skinner, trabalhar, além de um roteiro das linhas de raciocínio seguidas por Ramos e por Sergio, algumas das referências conceituais que podem ter servido de inspiração para a elaboração de suas idéias. Profícuo seria, por exemplo, refletir acerca das propostas de alguns dos intelectuais (de gerações anteriores ou contemporâneos) citados por Eles, acerca da estrutura ensaística de Seus textos, tanto quanto acerca da opção de ambos Autores pela construção de “tipologias” de análise psico-social.

Entretanto, é preciso ter em vista, sobre as correntes análises de “conteúdos” de textos “clássicos”, na História Intelectual, que distintas reflexões começaram a surgir a partir de década de 1960, por ocasião da difusão dos “escudos culturais”, e da renovação do diálogo entre os campos da História, da Filosofia e da Crítica Literária.

Quanto à “Teoria dos Atos da Fala”, apresenta, então, o historiador estadunidense David Harlan, em artigo recentemente publicado no Brasil – *A história intelectual e o retorno da narrativa* –, três críticas principais: (1) pontua que, malgrado o fato de que cada conjuntura produz suas próprias verdades, é preciso ter em mente que conjunturas posteriores têm acesso aos textos naquela produzidos, e interpretam-nos conforme seus interesses específicos, que são múltiplos e variáveis (Harlan, 2000: 235-26, 37); (2) declara que os intelectuais de ontem, autores das obras que tomamos como fontes em nossos trabalhos, mesmo tendo vivido num período histórico tal, não poderiam produzir, acerca dele, objetivações inquestionáveis (Harlan, 2000: 49, 50); e (3) reafirma a inexistência de uma verdade fixa e imutável, prevista pelos pensadores da Ilustração, a ser supostamente desvendada pelos historiadores mais hábeis (Harlan, 2000: 26). Em seguida, Harlan (inspirado em Hans Georg Gadamer) apresenta também um argumento contestador no que diz respeito à base sobre a qual se estruturam as perspectivas de Skinner e dos demais pensadores emparelhados à referida Teoria dos Atos da Fala (a idéia de que o ato de escrever textos pode ser comparado/associado ao ato de falar):

[Diferentemente do que ocorre com num diálogo *tête à tête*], o leitor está ausente do ato de escrever; o escritor está ausente do ato de ler. O texto produz portanto um

---

<sup>2</sup> Outros nomes também citados por David Harlan são os de J. G. A. Pocock, Peter Carlet, John Dumn; os três são, assim como Skinner, pesquisadores de Cambridge.

duplo eclipse de leitor e escritor. (...) [Daí] começa a oferecer possibilidades que seu autor pode jamais sequer ter imaginado (Harlan, 2000: 25).

Apresento, pois, um quadro comparativo das idéias apresentadas por Skinner e Harlan:

<b>Quentin Skinner</b>	<b>David Harlan</b>
O dito possui um sentido, que é específico e correspondente ao momento em que se deu.	O escrito pode ser lido nos mais diversos contextos e interpretado das mais diversas formas.
Aquele que diz, indivíduo racional, deve ter e tem domínio sobre aquilo a respeito de que se dedica a falar.	Aquele que escreve possui apenas uma versão (parcial e muitas vezes provisória) acerca do objeto ou assunto sobre o qual escreveu.
O historiador de hoje, sujeito racional, é capaz de chegar à verdade acerca do que foi dito outrora.	O historiador, assim como todo e qualquer homem de hoje ou de ontem, apenas pode formular versões acerca do que foi escrito (não existe verdade inequívoca).
O falar também deve ser considerado como uma ação.	O falar e o escrever são ações diversas, com características específicas.

De sua parte, em seu artigo “Repensar la historia intelectual y leer textos”, o respeitável historiador Dominick LaCapra afirma a idéia de que uma interpretação – tal como a de Skinner – que busca relacionar supostas intenções do escritor com o texto que tenha vindo ele a produzir pode dar vazão a uma série de incongruências, por dois motivos principais: (1) porque tende a supor uma relação de propriedade entre o autor e a obra; e (2) porque tende a supor a existência de um significado uno para cada enunciação proposta. Crítico a Skinner e próximo a Harlan, LaCapra propõe, assim, que as intenções de um intelectual podem ser imprecisas – podem ser esboçadas no ato mesmo de se escrever e falar nelas, e/ou formuladas retrospectivamente, quando o texto já foi submetido a mais de uma interpretação; além disso – pontua este autor – “textos” são de domínio público (quanto mais os clássicos), e a respeito deles se viabilizam as mais diversas deduções de significado (LaCapra, 1998: 253-256).<sup>3</sup>

Tomando parte de tais perspectivas, logo, não busco, como buscaram um Chevalier ou um Skinner, compreender de que maneira precisa os mais diversos conceitos vieram a ser construídos, por seus autores, nas obras aqui selecionadas. Pretendo, além, elaborar uma interpretação-síntese pessoal e consistente, relacionando às fluidas noções de *El Perfil...* e *Raíces...* as múltiplas interpretações que vieram a ser a elas atribuídas; relacionando tais noções, ainda, com opções metodológicas que (afirmavam ou afirma-se) permeariam as reflexões de Ramos e Sérgio.

Isso quer dizer, então, que me sinto como sujeito da reflexão esboçada neste artigo; como participante deste diálogo em que não existem respostas plenamente corretas, nem de tudo equivocadas. Daí a liberdade para articular um raciocínio crítico no que diz respeito às visões cristalizadas dos Livros que serão, nos capítulos que seguem, mais diretamente trabalhados; daí, também, buscar vínculos entre Eles e outros, com as quais não têm sido costume contrapô-los.

---

<sup>3</sup> Bom lembrar que artigo é parte integrante de minha dissertação de Mestrado, intitulada “Debatendo estratégias de abordagem do conceito de *iberismo*, através da análise das obras-clássicas do mexicano Samuel Ramos e do brasileiro Sérgio Buarque de Holanda”, na qual trabalhei, conforme as reflexões de LaCapra, maneiras diversas de se trabalhar textos-complexos.

Neste último caso, estou falando, destacadamente, da reflexão de um dos pensadores espanhóis na atualidade mais interessados no estudo da produção dos intelectuais ibero-americanos – José Luis Gómez-Martínez (s/f). Isto porque ele não chega a abordar, em específico, *El perfil...* ou *Raíces...* – é verdade – mas se dedica a pensar de maneira profícua sobre o “ensaísmo”, rótulo atribuído, correntemente, como disse parágrafos acima, aos ditos Textos de Ramos e Sérgio.

Conforme Gómez-Martínez, as obras denominadas “ensaios” correspondem a um gênero narrativo que transita entre o filosófico, o científico e o literário, sem se reduzir a nenhum deles. São ao mesmo tempo problematizadoras, críticas, mas pouco preocupadas com a apresentação de “certezas” e/ou “provas”; caracterizam-se pelo uso de uma linguagem “inquieta”, que traz embutida (como o próprio termo denota) a consciência da provisoriedade de todo tipo de conhecimento.

Gómez-Martínez aponta ainda que, embora a estrutura de ensaio marque a história de nosso continente desde os primeiros contatos empreendidos pelos colonizadores ibéricos, foi perdendo força e respeitabilidade. Na transição dos oitocentos aos novecentos, entretanto, diferentemente do que vinha ocorrendo nos Estados Unidos ou nos principais centros europeus (França e Inglaterra), os pensadores da Península Ibérica parecem ter percebido o viés ensaístico como interessante maneira através da qual se poderia pensar a organização contemporânea daquelas sociedades – são bons exemplos os trabalhos dos espanhóis Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset, e dos portugueses José Pereira de Sampaio Bruno, Fidelino de Souza Figueiredo e Antônio Sérgio.<sup>4</sup> Importante então lembrar que no século XX esta estrutura textual ganhou nova projeção também na *Ibero-América*; conforme o historiador brasileiro Evaldo Cabral de Mello Neto, “essa [nossa] necessidade de [assim] interpretar [viria justamente] da tradição espanhola e portuguesa do século XIX, quando [começou a ser cada vez mais] necessário se perguntar porque as coisas tinham dado errado” (Cariello & Colombo, 2006).

Gómez-Martínez (s/f) destaca, enfim, que, em território ibero-americano, ao contrário dos intelectuais que entre nós se dedicaram à tentativa de compor textos “científicos” (condizentes com aquilo que teria maior projeção e respeitabilidade na Europa), os autores que então se voltaram para uma modalidade menos rígida e castradora de escrita foram capazes de compor um *corpus* epistemologicamente mais significativo – porque mais autêntico, mais condizente com o modo de entender dos habitantes do Novo Continente.

Contudo, não se deve esquecer que, conforme muitos pesquisadores, os textos de Ramos e Sérgio aqui escolhidos para estudo não apresentaram idéias assim tão “soltas”, tanto quanto outros intelectuais ibero-americanos considerados ensaístas: o recurso da elaboração de “tipologias”, em *El perfil...* como em *Raíces...*, parece ter garantido, em cada um à sua maneira, um certo rigor de ordenamento das ponderações apresentadas. Mas de que forma o fizeram seus autores? Com base em que referências? Articulando que tipos de conceitos?

Mais do que isso: até que ponto tais reflexões – sobre a estrutura ensaística dessas Obras; sobre a montagem de tipologias que operaram – podem ser válidas para uma maior compreensão das idéias ali apresentadas por Ramos e Sérgio? É o que veremos, respectivamente, nos dois capítulos que compõem o presente artigo.

### **1. *El perfil...*: referências metodológicas, conceitos propostos, interpretações mais recentes**

Pode-se dizer que Samuel Ramos tinha como preocupação central, em *El perfil del hombre y la cultura en México*, expor os problemas políticos, econômicos, sociais e culturais vivenciados pelos

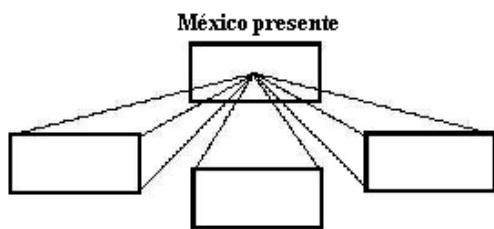
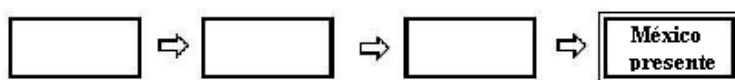
---

<sup>4</sup> Nos grandes centros intelectuais do Ocidente, o ensaísmo ganhou espaço, nesta época, geralmente entre os interesses dos literatos: Thomas Eliot, Paul Valery e Georg Orwell são exemplos importantes.



cidadãos de e de seu país, naquele momento histórico específico que estava vivendo – de acordo com o dicionário Aurélio, “perfil” corresponde a “descrição de algo ou alguém em traços rápidos” (Ferreira, 2001).

Pretendendo fazê-lo de maneira inovadora, então, este autor recorreu a um viés abrangente, *psicologizante*, no qual seus objetos (os mexicanos e o México) deixava de ter o modo de pensar, portar e se relacionar (supostamente) “típicos” – como era comum, nas análises factuais como nas ditas “cientificistas”/positivistas da época – condicionados às noções fixas de caráter ou raça.<sup>5</sup> Os esquemas abaixo pretendem esclarecer com maior clareza a diferença estrutural entre, respectivamente, (1) o modelo de raciocínio mais corrente nos textos escritos naquele período, no México (por meio do qual se buscava nas experiências históricas coloniais, passando pelo correr dos séculos, até a contemporaneidade, fatos e dados que se articulassem num esquema de causa e consequência); e (2) o modelo analítico de que (como acompanharemos, em seguida, neste artigo) Ramos parece dispor, em seu livro ao qual aqui me dedico enfocar.



Para mais claramente desenvolver tal reflexão, Ramos opta, desde o início, por focar a análise (como prevê o título de seu livro) primeiro no “homem mexicano”, e depois na “cultura mexicana”.<sup>6</sup> Assim, talvez inspirado no fato de ter iniciado sua formação intelectual em uma faculdade de Medicina, se posiciona como “doutor”, toma os cidadãos do México de sua época como “pacientes”, e as experiências históricas nacionais como “casos clínicos” a serem avaliados. Deixa claro, contudo, que tanto uma coisa (o ser) quanto a outra (o modo de viver) estão interligadas, e se autodefinem; isto é: para ele (e de maneira bastante semelhantes às concepções de autores de gerações posteriores, tal como aqueles vinculados aos chamados *estudos culturais*) os sujeitos constroem cultura (formas de entendimento, comportamentos cotidianos) na mesma medida em que ela os permite se elaborarem,

<sup>5</sup> Embora ambas as expressões, correntes na época, como veremos, sejam por ele largamente utilizadas.

<sup>6</sup> Ainda que naquele momento inovadora, tal proposta pode parecer, aos olhos dos homens de hoje, necessariamente ultrapassada. Contudo, em simpósio recente (2000), Edgar Salvadori de Decca, um dos mais reconhecidos historiadores brasileiros, apresentava proposta semelhante: “Não é fácil encontrar um modo apropriado de definir o que é identidade, principalmente quando se pensa num conceito à luz da psicanálise. Primeiramente, devo adiantar que as ciências humanas têm uma maneira distinta de definir a identidade. Para elas a identidade é uma dimensão da consciência e diz respeito ao sistema de valores que compõem a personalidade individual e coletiva. Isto é bem diferente da definição psicanalítica que coloca a identidade na esfera do inconsciente (isto é, os processos de identificação, que são ações subjetivas e não, digamos, atribuições postas ao sujeito externamente). Nesta palestra meu objetivo será o de esclarecer as relações entre a história nacional e o sentimento de identidade coletiva. Este é um debate muito atual, porque hoje, mais do que nunca, ouvimos falar da necessidade de cada grupo encontrar sua própria identidade e marcar as diferenças com relação a outros” (De Decca, s/f).

em grupo. É o que depreendemos após a leitura desta passagem, na qual o conceito de “cultura” compartilhado por Ramos fica melhor explicitado:

La palabra cultura no conota solamente obras espirituales [criações filosóficas, historiográficas, literárias e artísticas do homem], sino cierto ordenamiento de la vida entera dentro de normas racionales. La cultura encontrase también en los más humildes [e cotidianos] actos del hombre, como la comida, la conversación, el amor etcétera” (Ramos, 1975: 115).

A intenção de Ramos não é, logo, compreender o mexicano “en su fisonomía individual, sino como sujeto perteniente a una comunidad política (Ramos, 1975: 105).”

No que diz respeito às principais referências de Ramos ao longo de sua formação intelectual, pode-se propor que Ele esteve em contato tanto com os principais pensadores tidos como críticos do positivismo, no México, e também com os mais destacados nomes da vanguarda literária mexicana. A professora Maria del Carmen Rovira Gaspar destaca, por outro lado, que, ainda que não tenha declarado em *El perfil...*, há de ter estabelecido, *em e para* sua elaboração, contato com o trabalho do também ensaísta, Ezequiel Chávez – destacadamente sua inovadora obra “Ensayo sobre los rasgos distintivos de la sensibilidad como factor del carácter mexicano”, de 1901.

Quanto às perspectivas teórico-metodológicas de que dispõe Ramos em específico no dito livro, é preciso dizer que não foram ali sistematicamente definidas, ainda que algumas tenham sido sim citadas no corpo do texto, hora ou outra – recebem destaque as proposições dos renomados psicanalistas Carl Jung e Alfred Adler, e do filósofo então bastante influente na Ibero-América, o espanhol José Ortega y Gasset.

Em se tratando dos conceitos filosóficos e historiográficos formulados por Ortega y Gasset, creio que embora muitos apareçam, em *El perfil...*, através de citações,<sup>7</sup> o principal ali consta implicitamente: em toda a referida obra se segue e se parte do postulado orteguiano mais célebre – “yo soy yo y mi circunstancia, si no la salvo a ella no me salvo yo”.

Como bem afirma o já citado pensador espanhol Gómez-Martínez, é preciso estarmos atentos para o fato de que (mesmo não tendo sido elaborado propriamente para o trabalho específico com a realidade de hispano e luso-americanas, e nem muito menos *partindo* dela) tal entendimento serviu como base para que aqui se fundamentassem concepções significativamente originais, ou, pelo menos, que o almejavam ser. Diz Gómez-Martínez (s/f) que, por meio do estudo de suas noções tais como “circunstancialismo” e “perspectivismo”, elaboradas sob um olhar eurocêntrico, muitos filósofos do México, como Ramos, vieram, se não a elaborar, certamente a legitimar “su grito de autodeterminación” – “los mexicanos (...) no imitaban por lo tanto a Ortega, más bién lo seguían en su espíritu independiente”.

Em um livro posterior, “Historia de la filosofía en México” (1943), Ramos declarará sem meias palavras ser, sim, herdeiro de tais postulados, mas que os teria utilizado a seu bel prazer (quer dizer: em nome da valorização de um modo de pensar nacional, mexicano); a seguinte passagem é, então, ilustrativa:

Quiero decir que lo que cada sujeto conoce mejor que cualquier otro es el paisaje natural en que vive, la sociedad, el país a que pertenece. Estas cosas las conoce desde adentro, por decirlo así, porque son la mitad de sí mismo, está vitalmente fundido con ellas. Estos objetos concretos tienen que ser por fuerza de las instancias particulares que den vida y color a sus conceptos genéricos del

---

<sup>7</sup> Há todo um capítulo em *El perfil...* dedicado à abordagem das gerações de intelectuais mexicanos que parte da conceituação proposta por Ortega na obra “El tema de nuestro tiempo”, de 1923.



universo, la humanidad o la sociedad. Pese al valor que es independiente del espacio o del tiempo, al pensarlas tenemos que referirlas queramos o no al círculo de nuestras existencias inmediatas. Esto es, sin duda, una limitación de nuestro conocimiento, pero también, por otro lado, una ventaja, la de descubrir en el mundo algo que los demás no podrían nunca ver (Ramos, 193).

Neste mesmo outro livro Ramos afirmou ainda que fora por meio da *Revista de Occidente*, um projeto de Ortega y Gasset, que muitos intelectuais no México – dentre os quais ele certamente se incluiria – teriam estabelecido contato com o pensamento germânico. Tomando tal informação, é possível se dizer, por exemplo, que, ainda que *El perfil...* não cite o nome do alemão Wilhem Dilthey, as concepções *historicistas* por este formuladas e citadas em diversos momentos da obra orteguiana, hão de ter influenciado a opção analítica de Ramos, por buscar no passado explicações para os acontecimentos e situações “presentes” – *El perfil...* é toda uma busca no passado de elementos, componentes do homem e da cultura do México, que se manteriam, vivas, até então. Pode ter sido, também, através das páginas do dito periódico organizado por Ortega y Gasset, que Ramos veio a estabelecer os primeiros contatos com as proposições de Jung e Adler.

A principal ferramenta analítica de que Ramos lança mão em *El perfil...* são, aliás, justamente as tipologias apresentadas por estes dois últimos autores: a jungiana e a adleriana. Interessante notar que ambas compartilhavam as noções de inconsciente propostas por Freud – de que haveria certos conteúdos psíquicos que, desvinculados da consciência, influiriam consideravelmente na conduta dos indivíduos –, embora tenham sido formuladas em momento posterior ao rompimento de seus elaboradores com o dito “Pai da Psicanálise”. Fossem quais fossem os motivos que levaram ao desentendimento entres esses três intelectuais, o fato é que a formulação de “tipos”, tanto por Jung quanto por Adler, recebeu as mais severas críticas de Freud; daí boa parte da declaradamente grande preocupação de ambos em defender a validade da elaboração dos tais conceitos-chave na análise dos mais variados casos clínicos. Aqui cito palavras do primeiro, no prefácio à edição em castelhano de sua obra *Tipos Psicológicos* (1921):

Un numero de lectores realmente excesivo ha caído en el error de ver en el Capítulo X [no qual são descritos os tipos “extrovertido” e “introvertido”<sup>8</sup>] el contenido y designios esenciales de la obra, interpretados en el sentido de que en él está dado un esquema clasificador prácticamente útil para conocer a las gentes. Incluso en círculos médicos se ha difundido la especie de que mi método terapéutico consiste en clasificar a los pacientes según tal esquema y de acuerdo con él darles algunos “consejos”. Esta lamentable incomprensión olvida completamente el hecho de que semejantes clasificaciones no son otra cosa que pueriles juegos de sociedad, de tan menuda significación como la división de los hombres en braquicéfalos y dolicocefalos. Mi división en tipos es más bien un aparato crítico destinado a depurar y ordenar un vasto material psicológico extraído de la experiencia, pero en modo alguno utilizable en el sentido de poner a los individuos su etiqueta singularmente y “prima vista”. Mi tipología no es un tratado fisonómico ni un esquema antropológico, sino una psicología aplicada a la ordenación y demarcación como procesos (...) aprensibles (Jung, 2002).

---

<sup>8</sup> As relações entre as propostas de Ramos em *El perfil...* e os conceitos jungianos de “introversão” e “extroversão” podem ser, em outro momento, mais profundamente analisados, de forma a garantir parâmetros de comparação mais firmes e profícuos.

Quanto à crítica acerca da suposta superficialidade e a-cientificidade da sua tipologia, Adler argumenta que representaria ela, sim, um modelo científico, ainda que não convencional, já que não disporia de conceitos por meio do estabelecimento de relações de causa-efeito. Ao seu ver, a lógica causal seria válida para fenômenos físicos; em se tratando dos indivíduos, seria preciso levar em conta que não reagem nunca mecanicamente, há sempre uma margem de escolha a descoberto (Boree, s/f). A opção por estabelecer e conceituar “tipos psicológicos”, então, vinha justamente de encontro às dificuldades intrínsecas ao tratamento de problemáticas relativas ao humano; constituiria, segundo seu ponto de vista, uma estratégia caracterizada por um considerável rigor, o que lhe garantiria um certo grau de cientificidade.

A leitura das apreciações do historiador mexicano Horário Certutti Guldberg acerca da obra daquele que viria a ser um dos mais célebres companheiros de Ramos, o espanhol José Gaos, nos permite pontuar que a interpretação deste último acerca de *El perfil...* estaria em consonância com as proposições (de Jung e Adler) por mim acima apresentadas; é o que sugere a seguinte colocação: conforme Gaos, “éstos conceptos [de que lança mão Ramos, na referida obra] son objeto de manejo y empleo, pero no de análise y definición acabada” (Cerruti Guldberg, s/f: 207-218).

Os “tipos” propostos por Adler são quatro – o “dominante”, o “erudito”, o “evitativo” e o “socialmente útil” –, contudo, há que se compreender que não é especificamente a tipologia (o conjunto de tipos) proposta o que mais parece chamar a atenção de Ramos na teoria adleriana, mas (1) a maneira como ela é estruturada, e (2) os princípios de que ela se serve para se estruturar. Em parágrafos anteriores referi-me à definição que Adler conferiria à função de suas ferramentas metodológicas; nos que seguem, dedico-me a explicitar algumas noções fundamentais para o delineamento preciso dos grupos conceituais por ele apresentados.

Destacadamente, faz-se mister informar o interesse de Adler pelas idéias de “inferioridade” e de “compensação”. De acordo com Boeree, experiências na juventude como médico em subúrbios de Viena, teriam despertado no referido autor um interesse profundo pelas estratégias de que dispunham os indivíduos para superar as dificuldades impostas pela existência – desde as econômicas às físicas e, sobretudo, às psicológicas. É, então, provavelmente baseado em tais questões, que Adler irá elaborar os conceitos tidos como mais importantes em sua obra, os quais substituirá, com o passar dos anos e com o desenrolar de suas pesquisas, por outros, que julgaria *a posteriori* mais adequados.

Inicialmente propôs a idéia de “pulsão agressiva”, referente ao instinto de reação a frustrações de outras fundamentais “pulsões” humanas, tais como “la necesidad de comer, de satisfacer nuestros impulsos sexuales, de hacer cosas o de ser amados”; mais tarde, ela passou a receber a denominação “pulsão assertiva”, para que perdesse a carga de negatividade, assim como a conotação (reducionista) de “violência física”. Outra noção relevante em Adler é a de “afã de perfeição”, que se sobrepôs às duas anteriores (pulsão agressiva e pulsão assertiva), sob o argumento de que o homem se inclinaria naturalmente (vivenciando ou não momentos de dificuldade real) à luta pela superação; esta será, depois, substituída pela de “afã de superioridade”, de inspiração nietzscheana, destacadamente no que diz respeito ao conceito de “super-homem”, segundo o qual em grande parte das vezes “queremos ser mejores que otros, más que mejores en nosotros mismos”.

Há que se destacar ainda a noção adleriana de “protesto masculino” – a qual Ramos faz aberta referência no prefácio à terceira edição de *El perfil...* –, e que corresponderia à conduta agressiva, típica do sexo masculino, através da qual se pretende impor aos demais uma imagem de autoridade. Contudo, conforme Adler, esta última classificação pode ser atribuída (paradoxalmente mas não contraditoriamente) a indivíduos que possuem um claro “complexo de inferioridade”. O comportamento rude, grosseiro, neste caso, equivaleria, para este autor, a um recurso compensatório, ainda que, na maioria das vezes, inconsciente.

Outro importante recurso de compensação a que recorrem, mesmo sem saber, os indivíduos de baixa auto-estima seria, conforme Adler, a introspecção, a fuga da realidade. Segundo ele, sucessivos equívocos pessoais podem levar o homem a fechar-se em si mesmo, deixando de se preocupar com o universo à sua volta, assim como sua parte e função nele, o que, quase fatalmente, faria com que o equivocar se tornasse sua regra mais habitual de conduta, e o dito “sentimento de inferioridade”, o traço mais marcante da pisque (Boree, s/f).

O fato de tais posturas (a agressividade e a introspecção) poderem surgir associados ao dito “sentimento de inferioridade” de maneira inconsciente faz com que Adler revele-se, afinal, preocupado com a busca de suas possíveis razões ocultas. Daí a importância que ele confere à análise daquilo que denomina “estilo de vida” do paciente: suas condições físicas, seu ambiente social, e, principalmente, sua história pessoal – quanto a isso, reflete Ramos: “hay una ley biológica superior a la voluntad del hombre, que impide suprimir radicalmente el pasado como influencia efectiva en la conducta actual” (Ramos, 1943: 109).

É preciso estar atento, entretanto, para o fato de que a teoria adleriana, como dito anteriormente, compreende que o homem é, em primeira instância, o responsável pelo seu destino; a infância pode exercer influência sobre a formação de seu caráter, mas nunca de maneira mecânica e definitiva. Quer dizer: para Adler, como será para Ramos, o homem é capaz de modificar sua situação sempre, seja ela qual seja.

Quando nos apresenta o estado psíquico de seus concidadãos, portanto, partindo das proposições de Adler, Ramos nos apresenta um panorama composto por quatro “tipos” mexicanos principais, dentre os quais o primeiro, o pelado, é o mais importante, e apresenta características essenciais que estão presentes também nos demais: ele é, conforme o Autor, “la expresión más elemental y bien dibujada del carácter nacional” (Ramos, 1943: 119).

Um detalhe: tal designação, “pelado”, creio eu, não há de ter sido empregada por Ele de maneira fortuita. Em determinado momento chega Ramos a declarar, sobre o mexicano comum, que ocupando a base da pirâmide social e não dispondo de consideráveis recursos econômicos, “no ha nada que esconda sus más íntimos resortes” (Ramos, 1943: 120). Pode-se supor, entretanto, após a leitura da obra como um todo e a decorrente compreensão de que o pelado apresenta características de que dispõe também a elite mexicana, que a escolha do vocábulo “pelado” pelo autor de *El perfil...* tem raízes mais profundas – provavelmente decorre do fato de que acreditava ele ser o cidadão, em geral, no México, tal como o rei nu da fábula européia: suas vergonhas estão descobertas (os mexicanos estão todos descobertos), e o desconforto generalizado, embora ainda se espere o momento da chegada daqueles que lhes revelarão tal constrangedor mas efetivamente relevante fato.

Isso quer dizer que, para Ramos, no México o homem se reparte em duas existências: uma real e outra fictícia – o que ele de fato é, e aquilo que ele pretende fazer com que as pessoas criam que ele vem a ser. Sendo assim, se o pelado é reconhecido pela linguagem grosseira, pela postura agressiva, e pelo temperamento hostil – se se assemelha a “un animal que se entrega a pantomimas de ferocidad para asustar a los demás, haciéndole creer que es más fuerte e decidido”, na verdade não é nem forte nem valente, mas, de fato, covarde e desconfiado, porque sente-se “menor” (Ramos, 1943: 121).

Quanto a tais definições, Ramos prevê no texto de *El perfil...* duas principais possibilidades de crítica por parte de seus leitores: (1) a idéia de que o referido “sentimento de inferioridade” do pelado diz respeito mais à sua condição de classe social do que propriamente ao fato de ser mexicano; e (2) a idéia de que o referido “sentimento de inferioridade” não é exclusivo do México. Responde, contudo, a ambas, nas seguintes passagens:

Esa circunstancia [a precariedade financeira] es capaz de crear por sí sola aquel sentimiento [de inferioridade], pero hay motivos para considerar que no es el último factor que determina en el

“pelado”. Hemos notar aquí que éste asocia su concepto de hombría con el de nacionalidad, creándose así la impresión de que la valentía es la nota peculiar del mexicano (Ramos, 1943: 121).

Mientras que en otras partes ese sentimiento se presenta en casos individuales más o menos numerosos pero siempre limitados, en México asume las proporciones de una deficiencia colectiva (Ramos, 1943: 159).

Como disse há pouco, o tipo pelado se apresentaria em alguns casos com variações, dentre as quais Ramos opta por destacar aquelas que dizem respeito (1) ao ambiente em que se vive, (2) à classe social que se ocupa, e (3) à formação intelectual de se que dispõe o mexicano.

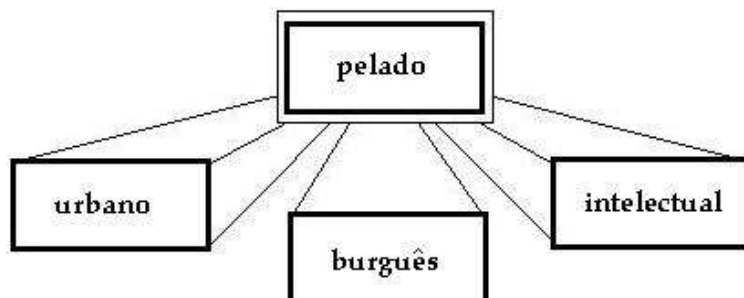
Conforme este Autor, o tipo urbano (1) corresponderia ao cidadão individualista que não se compromete efetivamente com qualquer que seja sua profissão, ideologia, ou religião – “si es comerciante, no cree en los negocios; si es profesional, no cree en su profesión; si es político, no cree en la política”. É imediatista, sobretudo instintivo, e, dispondo de um débil espírito de cooperação, não se preocupa de fato em manter relações sociais saudáveis – “su apariencia de civilización, semeja una horda primitiva en que los hombres se disputan las cosas como fieras hambrientas” (Ramos, 1943: 122).

O tipo burguês (2) teria como diferencial o fato de que seu sentimento de inferioridade decorre propriamente de ser... mexicano. Este, como propõe Ramos, dentre todos, corresponde ao grupo que dissimula de maneira mais complexa a condição de deprimido, rancoroso e recalado: são indivíduos polidos e pernósticos, elegantes e educados, ainda que, tal como os correspondentes aos outros “tipos psicológicos” mexicanos, tenham rompantes de fúria, momentos em que se revelam machistas, grosseiros, rudes e autoritários (Ramos, 1943: 124).

Já o tipo intelectual (3), último a ser por Ramos analisado (em capítulo exclusivo, ainda que reservado às páginas finais do livro), é caracterizado pelo estilo de falar (entonação de voz, expressão afetada), pelo estilo de escrever (pomposo), e pelo hábito de “hacer gala de talento, de la sabiduría o de la erudición” (Ramos, 1943: 178), postura esta que costuma gerar, conforme o Autor, antipatia e inimizade ao invés da pretendida cega admiração.

Los vemos hablar de cosas profundas en medio de una conversación familiar, citar nombres famosos o sentencias célebres en los lugares y circunstancias en que menos viene a cuento. En una palabra, el pedante choca siempre a los demás, por su falta de tacto y discreción; es la persona que en todas las relaciones sociales da una nota discordante, usando un lenguaje y un tono inadecuado (Ramos, 1943: 179).

Seguindo o esquema de raciocínio apresentado no início deste primeiro capítulo, então, pode-se dizer que os “tipos” apresentados por Ramos, em *El perfil...*, se encontrariam articulados tal como no seguinte organograma:



É claro que Ramos – ainda que crendo dispor de um instrumental teórico-metodológico consistente, percebe a possibilidade de que, com *El perfil...*, viesse a ser criticado por apresentar ponderações essencialmente “subjetivas” – se Jung e Adler o eram, por que não ele o seria? É por

isso que argumenta, logo nas primeiras páginas de seu livro, que as descrições psicanalíticas ali apresentadas se pautariam em observações pessoais suas, cotidianas, e ponderara que a seriedade de Suas colocações acerca da psicologia dos mexicanos se comprovaria pelo simples fato de que seriam elas interpretadas, em todo o México, como “lugares comunes” (Ramos, 1943: 118).

Quando reflete mais focadamente acerca das experiências histórias vividas pelo ser mexicano, partindo das proposições de Ortega, Jung e Adler, tanto a colonização (quando toda “la riqueza que se producía era sustraída de México” (Ramos, 1943: 107)), quanto a decadência econômica e – ao ver de Ramos – intelectual da metrópole (“el siglo XVII es un siglo de creación; el siglo XVIII es de conservación; el siguiente es de decomposición” (Ramos, 1943: 106) são percebidas como experiências que contribuíram grandemente para que se desenvolvesse, e fosse sendo repassado de geração para geração o grave, tenso e fundo sentimento de inferioridade nacional – lembrando muito as propostas de Adler.

Merecerá, neste ínterim, destaque a questão da mestiçagem, processada desde a conquista do território; começarei, pois, por abordar a maneira como o autor trata a psique dos dois principais grupos (a, b) que – pontuava-se tradicionalmente – comporiam o caldo racial que era o tipo mexicano genérico: o híbrido “pelado”.

Ao analisar o papel histórico do indígena (a) na formação cultural do México, Ramos não chega a perceber qualquer relevância. Compreende bem que astecas e maias haviam fornecido ao branco europeu um certo “matiz de color” (Ramos, 1943: 106), mas afirma que, no contato com os invasores, sua cultura teria sido completamente “destruída” (Ramos, 1943: 102) – “su influencia social e espiritual se reduce hoy a mero hecho sin presencia.” (Ramos, 1943:122). O índio do livro, portanto, desempenha um papel secundário na história passada e “presente” do México, ainda que este “alheamento” não seja encarado ali como um fator biológico inato, e sim como decorrência da incompatibilidade entre seu modelo de pensamento e comportamento e o modelo civilizacional pelo qual teriam optado os mexicanos – isto é: o modelo europeu (Ramos, 1943: 107-108).

Já ao analisar o papel histórico do segundo elemento cultural tido como formador do povo do México, o branco espanhol (b), Ramos constrói um quadro muito mais complexo: seria este o grande responsável pelas virtudes e vícios característicos do híbrido mexicano, que dele herdara o sangue, a fala, a moral mas também os costumes (Ramos, 1943: 128). É assim, por exemplo, conforme o Autor, que a passionalidade legada pelos hispânicos teria, por exemplo, desembocado até àquela conjuntura em duas espécies de conduta, em seu país, uma positiva, e outra negativa: a primeira, a austeridade, é explicitada por Ramos na frase “siempre estamos dispuestos a salvar los principios” (Ramos, 1943: 163), e a segunda, o individualismo, na frase “la pasión (...) pode proponerse inconscientemente en la afirmación del yo individual, haciéndolo prevalecer sobre otro cualquiera que se le oponga” (Ramos, 1943: 164). Assim sendo, da mesma forma que a louvável conquista e ocupação do espaço hoje chamado “México” teria sido iniciativa de particulares e não empresa promovida pela Coroa... a independência das colônias em relação à Espanha teria sido movida por motivos essencialmente egoísticos (ainda que, é verdade, tenha promovido liberdade) (Ramos, 1943: 104-105).

É, alias, para Ramos, justamente a independência em relação à metrópole espanhola um momento relevante da história de sua terra natal, na medida em que é apenas então – num período mesmo em que, na Europa, tal tarefa parecia já ter sido prontamente executada há séculos – o México se teria deparado com a necessidade imperativa de falar de si para os outros, de constituir-se enquanto algo novo. O desconforto gerado é fácil de se compreender: (1) nação jovem, ao se comparar com as estrangeiras, consolidadas, a mexicana veio a sentir-se culturalmente inferior, rebaixada; (2) pretendendo ser como elas, e não dispondo dos instrumentais necessários, veio a conformar-se com a elaboração de meras cópias do foráneo (Ramos, 1975: 98). Eis um fato, ao ver de



Ramos, rico em conseqüências: “de este conflicto psicológico inicial derivan los accidentes [todos] de nuestra historia” (Ramos, 1975: 106).

Conforme Seu entendimento, portanto, seria necessário, antes de mais nada, que o México assumisse, sem recalques, sua condição de cultura derivada. Mas, como se pode prever, isso não implica em terem que ou deverem recorrer sempre e invariavelmente ao cardápio de sugestões apresentado pelas culturas estrangeiras, ditas mais desenvolvidas. Seriam os mexicanos, segundo seu ponto de vista, “descendentes”, e não “reencarnação” delas; daí que nem tudo que é peculiar a europeus e norte-americanos tenha de lhes ser necessariamente bom ou útil (Ramos, 1975: 97).

Cita Ramos, a seguir, pois, alguns exemplos de mau-entendidos decorrentes da tendência ali constante à imitação indiscriminada. Em primeiro lugar, argumenta que, simplesmente por ser a noção de “centralismo”, nos Estados Unidos, considerada como um quase-sinônimo de “conservadorismo”, a Constituição do nascente México a teria indevidamente expurgado; “indevidamente” porque o entendimento deste Autor era que, na conjuntura mexicana, de formação étnica, cultural e social peculiar (portanto distinta da norte-americana), mais vantajoso seria a opção por “una acción política que acelerase el movimiento de cohesión” (Ramos, 1975: 99). Além disso, propõe Ramos, pela impossibilidade de se incorporar todo e qualquer preceito forâneo, o mais comum era que muitos deles simplesmente não tivessem qualquer validade em território mexicano: “Cuando después de la caída del Imperio se suscitó en México el conflicto entre ‘federalismo’ e ‘centralismo’, fray Servando Teresa y Mier decía, en un fogoso discurso, que ‘se cortaba el pescuezo’ si alguno de sus oyentes sabía ‘qué casta de animal era una república federada’.”

Porém, de acordo com o dito autor, a segunda mais importante referência cultural dos mexicanos (após, é claro, a hispana; e superando a indígena) não seria a norte-americana, mas a francesa. Isso porque, a Seu ver, enquanto a moral católica espanhola teria moldado a forma dos costumes em México, a Filosofia, a Literatura e as Artes da França teriam ali exercido a influência mais determinante sobre o que Ramos classifica como “cultura superior”. São, pois, segundo ele, franceses os intelectuais estrangeiros mais determinantes no momento das primeiras reflexões “nacionais” mais sistematizadas sobre a questão da modernidade – são eles, enfim, que oferecem “a la juventud de México los principios necesarios para combatir el pasado” (Ramos, 1975: 111).

Os motivos dessa “escolha”? Ramos nos apresenta quatro: (1) o “espírito latino” comum a mexicanos e franceses; (2) o fato de o francês conceber sua cultura como universal, e ela ser assim, generalizadamente, compreendida; (3) a carga de utilitarismo, conforme Ele, inerente à tradição intelectual francesa e vista como positiva no México; e (4) o estilo artístico-literário da França como um todo, tipicamente mediterrâneo, sensual por excelência, bem aceito pelo gosto mexicano (Ramos, 1975: 113-115).

Bom lembrar aqui que, incapazes de se igualar ao “original”, entretanto, ao ver do autor, no México os princípios, costumes e interesses se dariam através da incorporação de simples “modismos” – a apreciação do falar difícil, o culto da forma, a facilidade oratória, a fé nas idéias puras... ou mesmo o uso de vestimentas ou arquitetura desapropriadas ao clima tropical:

La máxima ascensión de ese influjo espiritual se registra durante la era profiriana, en que las clases cultas vestían a la moda de Paris, seguían sus buenas y malas costumbres; los ‘científicos’ y los ricos que no lo eran, al construir sus casas ponían en el remate una mansarda, aunque en México nunca caiga nieve (Ramos, 1975: 116).

O resultado de tal opção seria, afinal, para Ramos, um problema difícil de ser resolvido: o deslocamento do “real”, da “prática”... em relação ao “sonho”, à “teoria” – em suma, a fetichização das leis. Por isso restaria ao mexicano, ao “pelado”, a impressão de estar sempre na contra-mão do “bom senso”; por isso não caber a ele alternativa outra que não descumprir um “ideal” que, efetivamente, no final das contas, não lhe diria respeito (Ramos, 1975: 113); por isso a declaração do



Autor: “si algo tenemos que lamentar de nuestra historia, es ese temor de nuestros antepasados (...) de no haber sido ellos mismos, sinceramente, con sus cualidades y defectos, sino de haber ocultado la realidad bajo una retórica de ultramar” (Ramos, 1975: 102)

E criar algo novo, conforme Ramos, se torna tarefa cada vez mais difícil de ser executada no decorrer dos anos, após a consolidação da independência das colônias hispânicas e a da constituição da nação mexicana. Isso porque tal país passaria a viver, então, sob constante estado de anarquia (destacadamente no início do século XX, com o desencadear de diversos movimentos populares), o que inviabilizava ali, a seu ver, o tempo e os homens necessários para a constituição e solidificação de uma Filosofia própria, autêntica, nacional. “Imitar” passou a ser, portanto, a opção *óbvia, acessível* – um (para utilizar palavras de Ramos) “mecanismo sociológico de defesa”, que se transveste, com o tempo, em “vício” e em “doença” (Ramos, 1975: 98-101).

Por fim, faz-se mister avaliar aqui a visão de Ramos no que tange ao valor da herança cultural ibérica legada aos mexicanos. Comparando *El perfil...* com *Raíces...*, a professora Claudia Wasserman (s/f: 17) afirma, em “Nacionalismo: origem e significado”, que compartilhariam tais livros “uma idéia de que existiriam ‘condições naturais’ das sociedades [mexicana e brasileira], que respondiam a uma ‘autenticidade’, uma ‘espontaneidade’, rompida pela conquista e colonização”. Quer dizer: ambos os Autores teriam, sobre a Ibéria, uma visão denegritória.

De minha parte, acredito que isso possa ser largamente debatido no caso do texto de Sérgio (o veremos no próximo sub-capítulo); no que diz respeito à obra de Ramos, entretanto, não julgo ser demasiadamente ousado afirmar que tal proposição não constitui ponto consistente para debate, e revela que a dita pesquisadora fez uma leitura por demais superficial da referida obra. O digo porque *El perfil...* – como já vimos – desconsidera qualquer possibilidade de que ali se tenha partido da influência americana “endógena” (quer dizer: dos índios nativos) para a composição de todo um complexo civilizacional na região que hoje corresponde ao território do México; por outro lado, – também já foi proposto – é em muitos momentos demasiadamente elogioso no que diz respeito à presença dos espanhóis na constituição cultural mexicana.

Isto posto, bom seria ressaltar, aqui, que, para Ramos, o mexicano-tipo, “pelado”, híbrido, mescla das raças indígena e branca européia, herdeiro da cultura espanhola, francesa e por demais interessado nos então prósperos Estados Unidos, poderia ser reconhecido, no período da colônia, na figura dos *criollos*, os quais, após a independência, teriam passado a compor a dita “classe média”. Em oposição à elite tradicional mexicana ou mesmo a muitos dos figurões do período revolucionário, é justamente tal setor aquele que receberá de Ramos um voto de confiança; conforme este Autor:

Ha sido el eje de la historia nacional y sigue siendo la sustancia del país, a pesar de que es cuantitativamente una minoría. En esta clase, los conceptos de familia, religión, moral, amor, etcétera, conservan el cuño europeo, modificado (...) pero actuando como realidades vitales, de suerte que es justo considerarlos como una cultura media, asimilada a nuestra ubicación geográfica (Ramos, 1975: 129).

Interessante notar, pois, por fim, que Ramos acaba por revelar, ao final de *El perfil...* sua crença na transformação; e, provavelmente para que soe convincente, cita como exemplo real de conduta inspiradora a obra política e intelectual de Justo Sierra.<sup>9</sup> O exemplo de vida de Sierra surge, na obra

---

<sup>9</sup> Como Ramos não realiza uma análise da obra de Sierra, de maneira a demonstrar o que dela faz com que tire suas conclusões (nem ao menos cita livros que tenha publicado, ou projetos dos quais tenha participado), me atenho a acrescentar sua referência mais consciente ao líder mexicano, transcrita, nesta apenas nesta nota de rodapé: “Justo Sierra (...) tenía un conocimiento profundo del pueblo mexicano, de sus capacidades y limitaciones, y podía discernir, en los acontecimientos del pasado, lo que es posible y lo que es

de Ramos, com uma importância fundamental, tendo em vista que teria sido ele o responsável pela modernização do ensino, da pesquisa e da reflexão acadêmica no México. A valorização das formas de se pensar em terras mexicanas, a inovação das formas de se pensar em terras mexicanas, ao ver do referido Autor, – é preciso destacar, por fim – deveriam ser amarradas em um projeto coeso, empreendido por homens de fibra e de mente privilegiada tal como Sierra, visando a transformação social e o desenvolvimento econômico de seu país.

## 2. *Raízes...*: referências metodológicas, conceitos propostos, interpretações mais recentes

No que diz respeito às principais referências intelectuais de Sérgio Buarque de Holanda, ao compor *Raízes do Brasil*, muitas podem ser as possibilidades assinaladas; foi sabidamente muito erudito, leitor em várias línguas, e estabeleceu contato com diversos nomes de expressão no Brasil em que viveu. Ele mesmo, em entrevista à “Hispanic American Historical Review”, apresentou uma versão bastante interessante (embora nada específica, é verdade) de quais teriam sido as influências mais determinantes em sua formação: “fui moldado por tantas pessoas e em tantos lugares, não apenas por instituições educacionais e encontros formais, mas também por amizades – tão importantes para nós brasileiros.”<sup>10</sup>

Contudo, é preciso dizer que o comum tem sido se propor que Sérgio iniciou as pesquisas que deram base particularmente para a elaboração de *Raízes...* em uma viagem como correspondente de reportagem na Alemanha, e que lá teria travado contato (entusiasmado) com metodologias de pensadores do porte de Max Weber e Georg Simmel. Assim, embora não exponha (mais claramente como Ramos) Seu arsenal metodológico, embora não apresente uma síntese de postulados weberianos, e nem ao menos chegue a citar Simmel, parto, daqui a diante, em minha análise, para uma avaliação das possíveis identificações entre a estrutura textual de sua dita obra e as proposições destes dois autores (Candido, 1999: 12-13).

É consenso na historiografia que foi justamente do diálogo com as perspectivas sociológicas abertas por estes pensadores alemães, que Sérgio, em *Raízes...* – na abordagem dos problemas mais entranhados à sociedade brasileira, assim como Ramos, acerca da mexicana – pôde escapar tanto das antigas versões factuais, quanto das quase sempre impiedosas interpretações raciais acerca da formação cultural do Brasil. “Do diálogo com”, repito; e não “influenciado por elas” ou “fazendo uso das”.

Isto porque, em *Raízes...*, Sérgio intenta desenvolver um raciocínio muito peculiar: conforme Gabriel Cohn, por exemplo, ao mesmo tempo em que ele é construído com base nas noções de tipos ideais e patrimonialismo (trabalhadas por Weber)... Ele apresenta argumentos de maneira um tanto mais fluida, questões antípodas têm ali fluxo espontâneo e se misturam – a visão de determinado aspecto da sociedade parece só poder ser obtida pelo enfoque simultâneo entre contrários – (tal como em Simmel) (Cohn, 2002: 10-11). Nos explica o próprio Sérgio, em determinado momento, lembrando muito os argumentos de Jung, transcritos por mim, páginas atrás, acerca do uso de “tipologias” para análise de questões relativas ao humano:

Entre esses (...) tipos [que Ele propõe] não há, em verdade, tanto uma oposição absoluta como uma incompreensão radical. Ambos participam, em maior ou menor grau, de múltiplas combinações e é claro que, em estado puro não possuem existência real fora do mundo das idéias.

---

imposible, (...) lo que es auténticamente el pueblo mexicano con sus cualidades y defectos. (...) [Por isso] el maestro insuperable de la historia mexicana” (Ramos, 1975: 183-184).

<sup>10</sup> Holanda, *Revista de cultura*.

Mas também não há dúvida de que os (...) conceitos nos ajudam a situar e a melhor ordenar nosso conhecimento dos homens e dos conjuntos sociais (De Holanda, 1999: 45).

Ao notar que Sérgio apresenta, ao longo de *Raízes...*, uma série de pares de conceitos – tradição/modernidade, urbano/rural, público/privado– a já citada professora Claudia Wasserman (num dos breves momentos em que, em *Nacionalismo...*, sua análise se volta à *forma* de nosso aqui referido texto-objeto) chega a pontuar que o dito autor teria sido influenciado pela “moderna sociologia norte-americana, centrada no dualismo estrutural” (Wasserman, s/f: 10-11); diferentemente, contudo, insisto (junto a Cohn) na hipótese de que o raciocínio de Sérgio seria não somente estruturado aos pares, mas dialógicamente.

Entretanto, tomando-se em conta que o nome de Simmel não chega a aparecer nas notas bibliográficas de *Raízes...*, podemos pensar que essa maior relativização da tipologia poderia ter vínculos (implícitos) com o trabalho de diversos outros escritores, a começar por aqueles citados por Sérgio, nas próprias notas de sua obra posta em análise. Destaco, aqui, então, a possibilidade de este viés ter-se ali manifestado por influência de ensaístas portugueses de expressão, tal como (o em *Raízes...* aludido) Antônio Sérgio –autor de “Ensaio” (1935), no qual se dedicara a pensar os descaminhos do desenvolvimento de Portugal (Marques, s/f: 32-43)

Pode-se dizer também que Sérgio bebeu do *historicismo* do germânico Wilhelm Dilthey – que, aliás, teria (como vimos) despertado grande interesse por parte de Ortega y Gasset e que, supomos, teria imposto (aos menos indiretamente) suas marcas em *El perfil...*, de Ramos. Conforme José Reis, a influência diltheyana em *Raízes...* fica clara na medida em que se percebe que seu Autor não busca compreender os motivos, localizados num tempo passado, desencadeadores de determinados movimentos já ocorridos, submetidos à análise. Diferentemente, desloca o olhar para o momento da conquista do território americano pelos portugueses justamente buscando suas conseqüências no presente – mais precisamente, como vimos, pretendendo lá encontrar algumas possíveis razões fundadoras de nossas mazelas “atuais” (Reis, 2000: 119-120).

E é assim que, abordando relatos de viajantes quinhentistas e grande parte da produção historiográfica relativa ao período colonial, Ele apresentará três grupos de conceitos.

Primeiramente, antepõe (1.1) o tipo trabalhador – são os povos do norte da Europa que viveram a Reforma Protestante e compartilham uma moral do trabalho, daí a necessidade primeira de harmonização dos interesses e de associação entre os indivíduos; tais homens seriam caracteristicamente industriais, econômicos, metódicos, racionais – ao (1.2) tipo aventureiro – são em geral os povos da Península Ibérica, marcados fortemente pelo que Sérgio chama “cultura da personalidade”, e pela presença inquebrantável da moral católica; há aqui valorização da ociosidade, desordem social, e gosto pela atividade mercantil ou qualquer outra atividade que aparente garantir lucros rápidos com o menor esforço (De Holanda, 1999: 2).

O segundo par de conceitos propostos surge, amarrado, a partir do tipo aventureiro: é formado pelo tipo (2.1) ladrilhador e pelo tipo (2.2) semeador. No primeiro caso, característico da colonização espanhola na América, destaca-se, conforme Sergio, o comportamento preventivo e de cálculo das ações futuras; daí a formação de grandes núcleos de povoação estáveis, e a preferência por fixar-se no interior e nos planaltos de clima mais ameno. No segundo caso, em qual se incluiriam os portugueses, perceberíamos uma clara tendência a agir conforme se apresentam os problemas cotidianos, sem planejamento; daí o caráter de feitorização típico de suas colônias, em que predominaram os poderes regionais e a distribuição desigual e salpicada da população apenas na região litorânea (De Holanda, 1999: 4).

Faz-se mister lembrar, aqui, tal como Brasília Sallum Junior, que o comportamento atribuído a cada um desses tipos decorre, para Sérgio, não apenas e simplesmente de uma opção “subjéctiva”; remete a toda uma conjuntura, e se articula a toda uma rede social de interesses: isto posto, a

preferência por uma colonização mais efetiva na América espanhola corresponderia à necessidade de Castela superar as tendências separatistas; e a opção por uma colonização mais esparsa corresponderia ao fato de Portugal já ter-se estabelecido enquanto Estado relativamente coeso um tanto antes da empreitada ultramarina (Salum, 2000: 248-249). De acordo com Sallum, haveria implícita em Sérgio, inclusive, a concepção de que foi essencial a existência de condições “materiais” para que uma mentalidade “semeadora” se fizesse, em terras portuguesas na América, preponderante: (1) “a possibilidade de importar negros”; (2) “a abundância de terras férteis”; e (3) o fato de “a Europa ser um mercado para os gêneros tropicais” (Salum, 2000: 244).

Então, somente após seguir toda essa linha de raciocínio e colocar às claras o instrumental teórico adotado, é que Sérgio se sentirá à vontade para apresentar o conceito mais fundamental de sua obra, conceito este responsável pela ligação entre a herança lusa e propriamente a identidade brasileira, que dela descenderia: o conceito de (3) homem cordial. Este último “tipo” apresentaria uma série de características notáveis no brasileiro até os dias atuais: diferentemente do mundo da impessoalidade e civilidade norte-americano, nossa sociedade seria marcada pela afetividade e barbárie... assim como pela possibilidade constante de instauração de regimes ditatoriais, arbitrários.

Quer dizer: a idéia de cordialidade apresentada por Sérgio não significa propriamente “boas maneiras” ou “bondade” (tal como chegou a ser compreendida por Cassiano Ricardo). Bem ao contrário, significa uma total falta de compromisso com normas sociais objetivas/pragmáticas, a subversão das regras em nome de interesses individuais mais imediatos – comportamentos em total sincronia num ambiente em que prevaleceria o personalismo (De Holanda, 1999: 5). Esse mal-entendido foi discutido pelo próprio Sérgio, posteriormente, na, em 1955 anexada, nota 5 do quinto capítulo de *Raízes...*, e em um artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo* em 1977; o esclarecimento de Sérgio, aliás, nos aponta para o entendimento de que o “homem cordial” de que falava em seu dito livro, ainda que expansivo, apresentaria semelhanças claras com o introspectivo “pelado”, descrito por Ramos: tanto um quanto outro, pode-se dizer, parafraseando Sérgio, “sente pavor em viver consigo mesmo” (De Holanda, 1999).

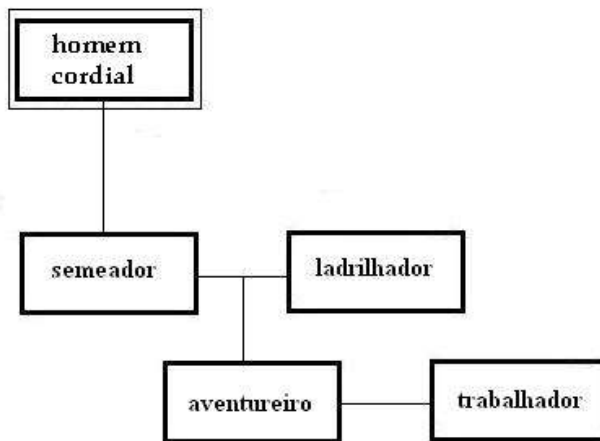
Embora haja referências a todo momento, é na seqüência de tais apreciações, no Livro, que este Autor passa a dedicar capítulos inteiros especificamente aos problemas sociais contemporâneos, do país. Fala, então, da hipertrofia dos poderes privados no Brasil como tendo sido gerada já na sociedade colonial, a partir da influência dos grandes proprietários rurais, que suplantavam muitas vezes a autoridade da Coroa portuguesa; mesmo o Estado brasileiro independente se teria formado não em oposição à ordem familiar, mas sim em consonância com ela.

Segundo Sérgio, porém, com o desenvolvimento da sociedade moderna, embora se tenha pensado tantas vezes na necessidade de uma ruptura com as práticas personalistas, tivemos na realidade apenas o mero disfarce de problemas que continuaram reais e efetivos. Assim, ao mesmo tempo em que se processou uma separação racionalizada e impessoal entre a classe trabalhadora e a classe proprietária, e a desresponsabilização das elites em relação às mazelas sociais que atingem o grosso da população, manteve-se intacta, na mentalidade “nacional”, a tradicional intercessão entre os domínios público e privado. Lamentava este Ensaísta, na referida obra:

Podemos organizar campanhas, formar facções, armar motins, se preciso for, em torno de uma idéia nobre. Ninguém ignora, porém, que o aparente triunfo de um princípio jamais significou no Brasil – como no resto da América Latina – mais do que o triunfo de um personalismo sobre outro (De Holanda, 1999: 183).

Apresentemos, por hora, (tal como o fizemos na interpretação de *El perfil...*) um organograma em que consta a maneira como Sérgio articulou os “tipos” que formulou na referida Obra. Neste caso, seria interessante destacar, então, que Ele o faz tal como se espera, quando atentos ao título do

livro; no dicionário *Aurélio*, “raiz” quer dizer “porção do eixo da planta (...) que fica dentro do solo, fixando-a e fornecendo-lhe água e nutrientes” e/ou “princípio, origem” (Ferreira, 2001).



Faz-se mister, aqui, tal como o fiz na análise acerca da obra de Ramos, ressaltar as possíveis implicações da opção de Sérgio pela estrutura ensaística – tantas vezes vista como menos clara e objetiva (ou mesmo menos “verdadeira”) que aquela de estilo mais formal, acadêmico.

Conforme Edgard Salvadori de Decca, em obra denominada *Sérgio Buarque de Hollanda*, a hoje mais célebre aluna do Autor de *Raízes...*, professora Maria Odila Leite Dias, pontua, por exemplo, a má impressão que, anos mais tardes, causava ao próprio Sérgio muito da forma como as proposições foram apresentadas no referido livro. A ela também causaria: conforme de Decca, “prefere deixar de lado [em sua análise] os capítulos ‘não-históricos’ da obra, carregados de uma sociologia normativa, como é o caso do capítulo sobre o ‘homem cordial’ (De Decca, 2000: 178). Entretanto, questiono-me acerca tanto da relevância do fato de Sérgio ter *posteriormente* renegado sua obra-prima, como da eficiência da opção por selecionar partes que se julga (de maneira arbitrária/ sem critérios justos) historicamente mais “precisas”, livrando-se de outras que têm (a meu ver) repercussões, na história do pensamento brasileiro, obviamente maiores.

Numa interpretação mais “completa” acerca da opção de Sérgio, em *Raízes...*, pela estrutura ensaística, Pedro Meira Monteiro apresenta um ponto de vista mais condizente com o meu:

Deixando-me levar um pouco por um veio barroco – que não me parece completamente ausente da prosa de nosso autor, embora não me pareça fundamentalmente explicativo de seu texto – e lembrando um pouco uma época passada, eu diria que Sergio Buarque se empenha em trazer à luz (...) aquilo que se encontra oculto no mundo. Claro que não é uma revelação de ordem divina, como era na imaginação barroca, mas de qualquer modo o engenho do historiador opera muitas vezes de modo a maravilhar as vistas de quem lê, ouve ou vê. (...) Fechando esse parêntese barroco um pouco temerário, suponho que a invenção, ainda assim, seja um dado fundante na escrita do historiador. Uma invenção constante, de alguém que toma para si certos documentos, certas fontes, e dialoga com eles. O que significa dizer que existiria algo como uma conversa com os documentos (Monteiro, s/f).

Próximo a isso, Flávio Aguiar defende a idéia de que a leitura do texto analisado neste trabalho nos faz pensar que “décadas de academia e busca de um traço mais marcadamente objetivo no delineio da história nacional desacostumaram-nos nesse esforço pertinaz de junto com o objeto iluminar o olhar que o ilumina” (Aguiar, s/f). Conforme Berenice Cavalcanti, o diálogo promovido pelo dito autor entre o campo da História e o campo da Literatura aparece, claro, em seu



característico cuidado com as palavras, assim como em sua convicção quanto à provisoriedade de todo tipo de afirmação (Cavalcanti, s/f).

Importante ressaltar, neste segundo sub-capítulo, ainda, mas para concluí-lo, algumas recentes interpretações que questionam a maneira com que Sérgio encararia a herança cultural ibérica e sua importância na composição cultural do Brasil. Nas palavras de Sua referida aluna, Odila Leite, por exemplo, “para ele [o autor de *Raízes...*] o historiador nada podia aprender do passado, nem devia esperar dele soluções para problemas do presente. [Apenas] deveria empenhar-se em desvendar no passado forças de transformação que pudessem indicar os caminhos para libertar-se dele”; (Silvia Díaz citada em Candido, 1999:11) para esta pesquisadora, destarte, Sérgio não creditaria valor positivo algum à presença lusa em nossa formação cultural.

Um dos possíveis leitores de Odila Leite (ainda que sem citá-la) é Cláudia Wasserman, a qual, em seu artigo *Nacionalismo: origem e significado...*, argumenta que para Sérgio a implantação da cultura portuguesa em terras hoje correspondentes ao Brasil teria sido um equívoco a ser superado. Visando garantir credibilidade a este argumento, a dita historiadora cita, então, o seguinte trecho de *Raízes...*: “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa própria terra” (De Holanda, 1979: 13).

Julgo tal entendimento de Wasserman equivocado em dois sentidos principais: em primeiro lugar, porque compreendo que neste ponto transcrito Sérgio não está se referindo especificamente à cultura portuguesa (não está propriamente realizando um juízo de valor quanto aos lusos e nossa relação com eles), mas sim se remetendo à maneira como temos nos relacionado com qualquer sugestão estrangeira; em segundo lugar, porque Sérgio me parece tem em mente, ao longo de toda a referida obra, que “contatos” são inevitáveis (e até mesmo necessários), ainda que, aos Seus olhos, seja urgente que se processem de maneira crítica. Para mim, aliás, entre Suas palavras citadas acima destaca-se o verbo “timbrando”, mais que o verbo “trazendo” – “timbrar” denota abuso e embuste; “trazer”, é, ali, um pressuposto.

O pesquisador paulista Flávio Aguiar também defende a hipótese de que não estaria Sérgio, de fato, ao longo de seu texto mais célebre, advogando em prol da necessidade de se “exorcizar” a herança cultural a nós deixada pelos colonizadores. Na realidade, para Aguiar, a visão de Sérgio seria a de que o legado ibérico constituía “um mal de raiz com o qual não devemos ser condescendentes, mas com o qual somos obrigados a conviver” (Aguiar, s/f).

Para Berenice Cavalcanti e para Brasília Sallum Junior, de maneira semelhante à de Aguiar, a questão central para Sérgio não seria se a herança lusa deve ou não ser classificada como positiva ou negativa. Na realidade, na visão destes autores, ele compreenderia que, bem ou mal, o legado ibérico será, enfim, alterado, com a cada vez mais determinante influência cultural imposta pelos norte-americanos. Esse processo, invisível, lento e irreversível, deveria ser, contudo, acompanhado, para que, enfim, viesse a corresponder a anseios nossos, próprios, legítimos (Cavalcanti, s/f).

Sob um véis diferente, Luiz Guilherme Piva propõe que Sérgio aborda, ao longo de *Raízes...*, as características “torpes” de nossa identidade como típicas da elite, enquanto qualquer coisa de motivador se poderia certamente encontrar entre a nossa massa trabalhadora; nossos males, encarados desta maneira, para Piva, em *Raízes...* apareceriam todos como decorrentes de um desencaixe: os grupos dominantes, se negando a dar voz aos interesses e expectativas dos populares, estariam sempre querendo impor modelos culturais importados, que não se amoldariam sempre bem aos nossos interesses mais genuínos (Piva, 2001: 6).

Particularmente, acredito que Sérgio percebia a contribuição cultural legada pelos lusitanos à nossa constituição enquanto “homens cordiais” não necessariamente como problema definitivo, irrevogável; sugiro, então, que o fato de ter este autor insistido em desvincular, do reducionista



significado “boas intenções”, a noção de “cordialidade brasileira” (filha do modo de ser português, nascida em solo americano) veio a acarretar um entendimento também reducionista segundo o qual “cordialidade”, para ele, apresentava necessariamente uma carga negativa.

Para tanto, julgo ser relevante lembrar que, na já aludida nota explicativa 5, do Capítulo V de *Raízes...*, Sérgio revelara a origem da expressão “homem cordial” – segundo o Autor, ela teria sido inicialmente utilizada por Ribeiro Couto em carta destinada ao mexicano Alfonso Reyes, e depois publicada em *Monterrey*. Conforme Fred P. Ellison, este era o nome da revista organizada por Reyes durante o período em que este viveu no Brasil como diplomata. Estabelecendo fortes laços de amizade com Couto, teria ele decidido pela publicação da referida missiva, após impor a ela algumas alterações: o trecho “seu americanismo, Alfonso Reyes”, por exemplo, foi substituído por “o verdadeiro americanismo”.

Visando, por fim, argumentar em defesa da idéia de que não me parece lógico propor que Sérgio, tomando como referência este texto em específico (escrito por Couto, mas alterado por Reyes), compreendesse tanto a “cordialidade” quanto o “legado ibérico” (dela constituinte) como obstáculos a serem superados, opto aqui por transcrever as seguintes significativas linhas:

O verdadeiro americanismo repele a idéia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro será um erro (classicismo) tão grande como o primitivo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o “sentido americano” (latino). A raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o homem cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial (Elisson, 2001: 14).

Consoante com isso, e partindo da leitura dos capítulos finais de *Raízes...* acredito não ser demasiadamente ousado sugerir que, diferentemente do que se costuma propor, Sérgio não era um pessimista abnegado. O Autor de *Raízes...*, assim como Ramos, ainda que crítico, irônico e descontente com o Brasil de então, nas páginas derradeiras de seu referido texto se permite enumerar algumas de nossas características que lhes soavam como positivas, ou mesmo como ferramentas das quais poderíamos dispor na construção de um futuro mais plural, democrático, e “nosso”. Seriam elas:

1) a repulsa dos povos americanos, descendentes dos colonizadores e da população indígena, por toda hierarquia racional, por qualquer composição da sociedade que se tornasse obstáculo grave à autonomia do indivíduo;

2) a impossibilidade de uma resistência eficaz a certas influências novas (por exemplo, do primado da vida urbana, do cosmopolitismo), que, pelo menos até recentemente, foram aliadas naturais das idéias democrático-liberais;

3) a relativa inconsistência dos preconceitos de raça e de cor (De Holanda, 1999: 184).

Pode-se argumentar, destarte, que os autores de *El perfil...* e de *Raízes...* têm uma visão esperançosa acerca do futuro de seus respectivos países. Contudo, uma diferença importante deve ser ressaltada: enquanto o Mexicano identifica “populares” à “classe média”, o Brasileiro, sem definir com precisão seu entendimento particular do conceito de “classe média”, demonstra desconfiar seriamente deste setor social brasileiro no qual inclui, também, a intelectualidade (e Ele mesmo).

Faz-se mister pontuar, aqui, logo, que a visão de Sérgio no que diz respeito à nossa elite letrada tradicional (diferentemente de Ramos, que desaprova o tradicional afastamento dos pensadores mexicanos em relação a questões epistemológicas) não vai optar por apresentar uma proposição alternativa de *quehacer*. A bem da verdade, o Autor de *Raízes...* criticará até mesmo a noção consensual (até os dias de hoje) de que a alfabetização pura e simplesmente há de servir-nos como ferramenta determinante para o desenvolvimento e democratização de nosso país; diz Ele:

A muitos desses pregoeiros do progresso seria difícil convencer de que a alfabetização em massa não é condição obrigatória nem sequer para o tipo de cultura técnica e capitalista que admiram e cujo modelo mais completo vamos encontrar na América do Norte (De Holanda, 1999: 165-166).

### Conclusão

Neste artigo trabalhei os conceitos apresentados em dois célebres clássicos da produção intelectual ibero-americana e, ciente dos debates que circulam este tipo de abordagem, me concentrei em fazer dialogar as maneiras como compreendo que seus autores podem ter vindo a elaborar suas idéias e as maneiras como elas vem sendo tratadas por autores de gerações posteriores.

Destaquei, então, o entendimento de que a modalidade de construção textual de que dispuseram – ensaística –, sendo mais fluida, complexa, dialógica, fugiu das, nas primeiras décadas dos noventa, correntes perspectivas “factuais” e “cientificistas”, estando ligada, assim como no caso de escritores ibéricos do período, ao desejo de propor reflexões “alternativas”, acerca dos problemas políticos, econômicos, sociais e culturais/intelectuais vivenciados por seus respectivos países – e vislumbrando a possibilidade de transformação destes. Destaquei ainda que *El perfil...* e *Raízes...* remetem também – aparentemente devido ao desejo que agregar às proposições um caráter mais “acadêmico” – com metodologias esboçadas por intelectuais (no caso do primeiro, psicanalistas, no caso do segundo, sociólogos) germânicos.

Concluo, assim, que o foco nas formas através das quais autores apresentam noções é uma opção bastante interessante de abordagem de clássicos, na medida em que nos desperta para a necessidade de repensarmos as formas como nós mesmos, hoje, desenvolvemos reflexões na área de Humanidades.

### Bibliografia

- Aguiar, F. (s/f). A moldura e o espelho. Recuperado de: [www.unicamp.br/siarq/sbh/A\\_MolduraeEspelho.pdf](http://www.unicamp.br/siarq/sbh/A_MolduraeEspelho.pdf)
- Boree, C. G. (s/f). Teorias da personalidade: Alfred Adler. Recuperado de [www.social-psychology.de/cc/click.php?id=31](http://www.social-psychology.de/cc/click.php?id=31)
- Burke, P. (2000). Unidade e variedade em História Cultural. *Variedades de História Cultural*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Candido, A. (1999). O significado de *Raízes do Brasil*. En S. B. de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Cariello, R. y Colombo, S. (2006). Cânone em Questão. *Folha de São Paulo* (10 de junho).
- Cavalcanti (s/f). *História e cultura: Sérgio Buarque de Holanda e as “raízes” da moderna historiografia brasileira*.
- Cerutti Guldberg, H. (2001). Herencia inalienable y fecundante. *Anais del Seminario de Historia de la Filosofía*, (18).
- Cerutti Guldberg, H. (s/f). *Herencia inalienable y fecundante*.
- Chevallier, J. J. (1995). *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*, Rio de Janeiro: Agir.
- Cohn, G. (2002). O pensador do desterró. *Folha de S. Paulo*, (23 de junho de 2002).
- De Decca, E. D. (s/f). Tal pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. En L. Chiappini & M. S. Bresciani, *Literatura no Brasil: identidades e fronteiras*.
- de Holanda, S. B. (1999). *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Decca, E. S. (2000). Teoria e método históricos em *Raízes do Brasil*. En S. Pesavento, *Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura*, Porto Alegre: Ed. Universidade.
- Ellisson, F. P. (2001). *Alfonso Reyes e o Brasil*, Rio de Janeiro: Topbooks.
- Falcon, F. (1997). História das Idéias. En C. F. Cardoso y R. Vainfas, *Domínios da História; Ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Campus.
- Ferreira, A. B. de H. (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Trabalhando conceitos e métodos e elaboração de conceitos...  
Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira

Gómez-Martínez, J. L. (s/f). Literatura y filosofía em Ibero-América: lo ensayístico en la literatura, recuperado de [www.tau.ac.il/eial/VIII\\_2/martinez.htm](http://www.tau.ac.il/eial/VIII_2/martinez.htm)

Gómez-Morín, M. (1927). 1915. México, Editorial Cultura. Recuperado de <http://www.ensayistas.org/critica/mexico/gomez/G-MOrtega.htm>

Harlan, D. (2000). A história intelectual e o retorno da narrativa. En M. Rago & R. A. de Oliveira Gimenes (orgs.), *Narrar o passado, repensar a história*, Campinas: UNICAMP.

Jung, C. G. (2002). Prefacio. En D. Sharp, *Tipos psicológicos jungianos*, Santiago de Chile: Cuatro Vientos.

Lacapra, D. (1998). Repensar la historia intelectual y leer textos. En E. J. Palti, *Giro lingüístico e historia intelectual*, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.

Marques, A. L. y A. Sérgio (s/f). *Ensaio por descobrimento da cultura em Portugal. Outros Tempos*. Recuperado de [www.outrostempo.uema.br](http://www.outrostempo.uema.br)

Monteiro, P. M. (s/f). Sérgio Buarque de Holanda e as palavras. Recuperado de [www.unicamp.br/siarq/sbh/Pedro\\_Meira\\_Monteiro.pdf](http://www.unicamp.br/siarq/sbh/Pedro_Meira_Monteiro.pdf).

Piva, Luís Guilherme (2001). Uma visão cada vez mais enraizada do país. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2/ Cultura (2 de fevereiro).

Ramos, S. (1943). *Historia de la filosofía en México*, México: UNAM.

Ramos, S. (1975). El perfil del hombre y la cultura en México. En *Obras completas*, México: Universidad Nacional Autónoma de México.

Reis, J. C. (2000). *As identidades do Brasil; de Varnhagen a FHC*, Rio de Janeiro: Editora FGV.

Roriva Gaspar, M. de C. (2004). Samuel Ramos. En Saladito, *Humanismo mexicano del siglo XX*, Tomo 1, Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México.

Sallum Junior, B. (2000). *Raízes do Brasil*. En L. Dantas Mota, *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*, São Paulo: Editora SENAC.

Silva Dias, M. O. L. da (1998). Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. En A. Candido (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, São Paulo: Perseu Abramo.

Skinner, Q. (1996). *As fundações do pensamento político moderno*, São Paulo: Companhia das Letras.

Wasserman, C. (s/f). *Nacionalismo: origem e significado em S. B. de Holanda, S. Ramos e E. M. Estrada*. Recuperado de [www.ifch.unicamp.br/anphlac/revista/numero03/revista3claudia.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/revista/numero03/revista3claudia.pdf).